

EM DEBATE

Opinião Pública e Conjuntura Política

2010

Um Periódico do grupo de pesquisa Opinião Pública: Marketing Político e Comportamento Eleitoral



DOSSIÊ: OPINIÃO PÚBLICA E PARTIDOS POLÍTICOS

Mathieu Turgeon

Emerson Urizzi Cervi

Vitor Amorim de Angelo

Jairo Pimentel



OPINIÃO

Eduardo Zauli

Francisco Meira

Periódico Eletrônico do
Grupo de Pesquisa de “Opinião Pública:
Marketing Político e Comportamento
Eleitoral”

Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Presidente Antônio Carlos, 6627
Campus Pampulha - CEP: 31.270-901
Belo Horizonte - MG - Brasil
Tel: (31) 3409-5007



Ano 1, n. 3, Novembro de 2009 ISSN 2176-4883

AS CORRENTES PARTIDÁRIAS SÃO FATOR DE DIVISÃO?*

Can Partisan Factions be a Dissent Factor?

Vitor Amorim de Angelo
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
✉ vitordeangelo@terra.com.br

Existem diversas formas de nos aproximarmos analiticamente dos partidos políticos. Uma delas é através de suas correntes internas, também chamadas de tendências partidárias. Em linhas gerais, podemos dizer, retomando a formulação bastante conhecida de Giovanni Sartori, que as correntes constituem o nível imediatamente inferior ao partido. Ou seja, se tomarmos o partido como uma unidade, as correntes seriam então sua primeira subunidade (SARTORI, 1982). Nosso propósito aqui é realizar uma breve reflexão a respeito das correntes partidárias e de sua relação com a legenda da qual fazem parte, tomando como exemplo o caso do Partido dos Trabalhadores (PT).

Inicialmente, voltamos a 23 de outubro de 2002, data em que a revista *Veja* lançou seu último número antes da eleição presidencial, vencida pelo candidato petista Luís Inácio Lula da Silva. Na capa, sob um fundo azul e branco levemente degradê, destacava-se uma espécie de Cérbero¹ ornamentado com uma coleira pontiaguda em cujo pingente havia uma pequena estrela vermelha de cinco pontas. Em contraste com a figura mitológica da Grécia

* As principais idéias apresentadas neste ensaio foram discutidas de modo mais abrangente em Angelo (2009)

¹ Criatura da mitologia grega representada por um cão de 3 cabeças.

Antiga, o Cérbero de *Veja* possuía não uma, mas três cabeças: a de Lênin, Trotsky e Marx. O semblante raivoso de cada uma delas – à esquerda da boca de Trotsky era possível notar a saliva que caía – não destoava do restante do corpo, visivelmente agressivo, com um das patas em riste, e contido por uma coleira. Abaixo, o título de capa dizia: “O que querem os radicais do PT”.

A posição de *Veja* em relação à corrida presidencial de 2002 e a posição assumida pela revista desde então já foi objeto de vários trabalhos, de modo que não é o caso analisar os pormenores desse processo neste espaço. Recuperei o exemplo da revista apenas para ilustrar uma visão relativamente difundida a respeito das correntes partidárias: a de que elas são um fator de divisão interna. Tal idéia pressupõe que um partido cortado verticalmente por divisões político-ideológicas, dados seu enfraquecimento e sua falta de unidade interna, tenderia a assumir uma postura mais vacilante de outros que, inversamente, possuem uma menor diversidade de posições internas.

A questão que apresentamos aqui, portanto, é se as tendências são mesmo um fator de divisão interna. Para examiná-la, convidamos o leitor a observar alguns aspectos importantes da problemática das subunidades partidárias. O primeiro deles está relacionado ao fato de que os partidos são organizações políticas formadas por pessoas que se articulam em grupos. Assim, quanto mais grupos existirem dentro de uma legenda, mais dividida ela será, ao passo que serão maiores as chances de coesão interna quanto menos grupos se formarem dentro do partido. Nesse caso, a legenda estará menos suscetível a rachas provocados por divergências entre suas correntes, possibilidade que é sempre iminente num partido caracterizado por intensas clivagens internas.

O segundo aspecto para o qual chamamos a atenção é o fato de que nem todos aqueles que formam um partido necessariamente se organizam em grupos. Uma legenda pode abrigar várias tendências sem que, com isso, todos os seus militantes estejam articulados em torno das correntes que existem em sua estrutura. Um partido pode ser formado não apenas por subunidades partidárias, mas também por militantes que simplesmente se identificam com sua linha política e por lideranças que conseguem reunir à sua volta apoio suficiente para formar um grupo de influência, ainda que distante de poder ser classificado como uma subunidade. A força política dos militantes independentes, das tendências e dos grupos criados em torno de lideranças partidárias varia de uma determinada legenda para outra conforme sua origem

e desenvolvimento, podendo mudar, inclusive, dentro do próprio partido, segundo os diferentes arranjos internos e externos.

Em terceiro lugar, as tendências quase sempre fazem uso de determinadas estratégias para se sobreporem politicamente aos demais setores e correntes do partido. Em qualquer legenda minimamente democrática existe aquilo que Angelo Panebianco chamou de zonas de incerteza: fatores cujo controle por parte dos dirigentes partidários lhes permitem desequilibrar a seu favor as disputas internas pelo poder. Como exemplos de zonas de incerteza, podemos destacar a competência, a relação com o ambiente interno e externo, a comunicação partidária, as regras formais, os financiamentos e o recrutamento partidário². Num partido dividido em correntes, a tendência é que essas zonas de incerteza estejam distribuídas entre as diversas subunidades partidárias, enfraquecendo a influência de determinados setores.

Por outro lado, pode existir dentro dos partidos uma articulação suficientemente ampla composta por militantes independentes, por grupos formados em torno de lideranças partidárias e por correntes do partido. São as chamadas coalizões dominantes, que, em virtude do controle sobre zonas de incertezas consideradas vitais, são verdadeiros centros de “distribuição dos incentivos organizativos no interior do partido” (PANEBIANCO, 2005). A formação dessa maioria e sua estabilidade dentro do partido dependem da forma como o controle sobre determinados recursos lhe permite se sobreporem às minorias, seja pela força ou pelo consenso. Em determinados contextos, quando a ação das minorias partidárias revela a incapacidade de a coalizão dominante continuar controlando sozinha zonas de incerteza tidas como vitais, essa maioria pode vir a se desagregar ou mesmo a se dissolver, em razão das divergências entre os próprios grupos que a compõem.

O quarto e último aspecto a ser destacado se refere à anatomia das subunidades partidárias. Nos extremos, as tendências podem ser totalmente independentes ou ter uma autonomia mínima frente ao partido, ajudando a definir melhor o objeto com o qual estamos lidando: se uma legenda forte, cujas subunidades encontram-se efetivamente abaixo do partido e que, pelo respeito às decisões internas, contribuem pouco ou quase nada para o surgimento de rachas; ou se um partido fraco, cujas correntes se sobrepõem à

² Para uma análise detalhada de cada exemplo, ver Panebianco (2005:65-70).

unidade partidária, operando uma “rede de lealdades própria” (SARTORI, 1982) e mantendo sempre ativa a possibilidade de cisões.

Ainda sob o ponto de vista organizacional, as correntes podem ser nacionalmente estruturadas, com uma presença vertical dentro do partido, participando de várias de suas instâncias, ou geograficamente concentradas, atuando apenas em algumas cidades ou estados e sem presença marcante na legenda. Poderíamos acrescentar também uma variável social, isso é: uma taxonomia baseada na análise dos grupos ou dos militantes fundadores de uma determinada corrente. Nesse caso, a subunidade partidária poderia ser classificada, por exemplo, como uma tendência de origem fundamentalmente estudantil, operária ou parlamentar.

Quanto à sua dimensão motivacional, as correntes podem se distinguir entre tendências de interesse e de princípios. Para as primeiras, o objetivo principal de sua existência é a obtenção de vantagens para os grupos ou militantes que lhe dão sustentação, como cargos na hierarquia partidária ou poder dentro da legenda. Já no caso das correntes de princípios, suas ações não se orientam pelo interesse material ou simbólico, mas, sim, pelas idéias que defendem. Essa distinção levou Sartori a afirmar que “enquanto as facções de interesse são motivadas pelas recompensas concretas e imediatas, as frações de princípio são, acima de tudo, *grupos promocionais*” (SARTORI, 1982, grifo do original).

Contudo, nem sempre é possível separar com clareza os dois tipos de subunidade partidária. Em alguns casos, tanto interesses quanto princípios norteiam as atividades das tendências. Para implementar suas propostas, fundamentadas em princípios ideológicos, uma corrente pode, por exemplo, definir que a melhor estratégia seja alcançar cargos na hierarquia partidária. Seu objetivo imediato, portanto, será a obtenção de vantagens que lhe permitirão, mais à frente, lutar pela realização de seus projetos políticos, de suas idéias. A questão principal, no caso, é saber quais serão as conseqüências desse tipo de estratégia para o desenvolvimento da própria corrente.

As tendências podem ainda se diferenciar por sua estabilidade ao longo do tempo e por seus referenciais teóricos. Quanto maior for a estabilidade de uma corrente, mais duradoura ela será, ao passo que quanto menos estável ela for, mais rápido tenderá a desaparecer, seja por meio da fusão com outra subunidade partidária, da dissolução dentro da legenda ou mesmo da saída definitiva do partido, voluntária ou não. As tendências podem também

assumir diferentes esquemas de análise da realidade política, econômica e social, a partir dos quais formulam suas propostas, táticas e estratégias. Neste ponto, a distinção vale apenas para as correntes de princípios, uma vez que as de interesse não possuem, a rigor, nenhuma ideologia que norteie suas ações em busca de vantagens materiais e simbólicas. A estabilidade e os referenciais teóricos, somada às variáveis anteriores, garante às tendências uma imagem, um rótulo, com desdobramentos sobre a feição do próprio partido do qual fazem parte.

O que nos tem a dizer o exemplo petista a respeito das subunidades partidárias? Na impossibilidade de analisar toda a história do PT neste espaço, elegeremos o ano de 1987 como nossa data-limite. Desde então, não apenas as atividades das correntes petistas passaram a estar regulamentadas pela resolução aprovada no V Encontro Nacional do partido, realizado naquele ano, como também a crescente institucionalização do PT redirecionou a atuação de suas tendências. O momento que vai da fundação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, ao seu V Encontro Nacional, constitui a fase que poderíamos qualificar como sendo de estruturação. Como se sabe, o PT abrigou, dentro do campo esquerdo, grupos bem diversos: sindicalistas, militantes católicos, intelectuais, segmentos da classe média e organizações de esquerda em geral – várias delas com atuação anterior ao próprio partido.

O radicalismo dessas organizações sempre foi uma das características do partido. Não por outro motivo, *Veja* identificou nesses grupos a suposta ameaça radical que o PT encarnava em 2002. Dentro da esquerda organizada do partido, as correntes trotskistas, em geral, sempre assumiram posições à esquerda. Embora houvesse mais de um agrupamento de viés trotskista dentro do PT, destacaremos aqui a trajetória da Democracia Socialista (DS) para responder à questão anunciada inicialmente. Trata-se da única organização trotskista a permanecer no partido desde a sua fundação. Se seu exemplo nos permite compreender um pouco mais da relação partido/corrente, por outro lado, o fato de continuar até hoje no PT é motivo de contestação de seu radicalismo por parte das outras tendências que saíram do partido³.

Uma das marcas da Democracia Socialista sempre foi sua atuação propositiva. O estudo detalhado de sua trajetória durante os anos 1980 revelou que boa parte de suas propostas foram incorporadas pelo PT, embora

³ Sobre a Democracia Socialista e as demais correntes trotskistas do PT, ver Angelo (2008).

a legenda não tenha se transformado no partido revolucionário defendido pela DS em virtude disso. O exemplo da Democracia Socialista evidencia que as tendências, longe de serem fator de divisão interna, podem assumir um papel importante para a estruturação dos partidos dos quais fazem parte. No caso da DS, sua contribuição nesse processo ocorreu em dois momentos distintos.

No primeiro, por intermédio do jornal de *Em Tempo* (editado pela organização), que apoiou a criação do PT e serviu como canal de discussão nos primeiros anos do partido, quando a imprensa partidária era bastante precária. No segundo momento, por meio da participação ativa da tendência no debate sobre a linha política partidária. Nessa perspectiva, a contribuição da DS foi importante por dois motivos principais: de um lado, porque acirrou a discussão interna sobre o tipo de partido que o PT deveria ser e sua função na conjuntura política da época; de outro, porque suas críticas à estrutura partidária, na medida em que evidenciaram ainda mais os problemas internos, chamaram a atenção para a necessidade de democratizar o partido, o que contribuiu para a regulamentação das tendências, em 1987.

Evidentemente, a contribuição da DS foi apenas parcial, no sentido de que o desenvolvimento do PT, tanto interno quanto externamente, foi resultado também da atuação das demais correntes petistas. De qualquer forma, com sua postura sempre conciliadora, apesar das críticas ao partido e à sua liderança, a Democracia Socialista foi uma das organizações que mais cresceu dentro do PT em seus primeiros anos, particularmente entre as trotskistas. Mesmo compartilhando uma visão comum em muitos pontos com a DS, as demais correntes trotskistas freqüentemente assumiram posições tidas como radical e paralelas às decisões internas, motivo pelo qual seus militantes foram por diversas vezes acusados de dupla militância e de vestir duas camisas – a do PT e da própria tendência.

Para encerrar, voltamos à questão apresentada no título: as correntes partidárias são fator de divisão? Como vimos, não há nada mais natural num partido político do que a formação de correntes internas. As subunidades partidárias podem ser bastante diferentes entre si, ainda que estejam dentro de um mesmo partido. O espaço dado a elas pode culminar em rachas, mas uma maior liberdade interna não pode ser considerada, de antemão, fator de divisão. Antes, constitui a oportunidade de confrontar projetos e estratégias diferentes dentro de uma mesma unidade. Assim, embora as tendências sejam conseqüência dos alinhamentos internos de um partido (podendo, assim, levar

a cisões), elas não são, por definição, sinônimo de divisão na legenda da qual fazem parte.

Referências

ANGELO, V. A. de. *A trajetória da Democracia Socialista: da fundação ao PT*. São Carlos: EdUFSCar/FAPESP, 2008.

_____. O PT visto de dentro: as correntes trotskistas. In: ANGELO, V. A. de; VILLA, M. A. *O Partido dos Trabalhadores e a política brasileira (1980-2006): uma história revisitada*. São Carlos: EdUFSCar/FAPESP, 2009.

PANEBIANCO, A. *Modelos de partido: organização e poder nos partidos políticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SARTORI, G. *Partidos e sistemas partidários*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: Editora da UnB, 1982.